

# **EMPREGABILIDADE DOS FORMANDOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DA PUC-RIO**

**Aluno: Marcos Rodrigues Gomes**

**Orientador: Ana Heloísa da Costa Lemos**

## **Introdução**

A relação entre a educação e a economia é tema recorrente em estudos acadêmicos que visam entender essa dinâmica e como ela influencia o desenvolvimento econômico e social dos países. Porém, alguns teóricos divergem quanto ao impacto positivo da educação na inserção econômica dos indivíduos.

À luz da Teoria do Capital Humano, que postula que a educação tem efeitos positivos na produtividade e na renda dos indivíduos, [1] discutimos e analisamos se realmente há uma positividade econômica e social associada ao desenvolvimento acadêmico na vida dos indivíduos.

Através de uma pesquisa realizada na PUC-Rio, junto aos formandos do curso de administração, procuramos obter informações capazes de discutir a validade da teoria de Schultz, para a amostra em questão.

A análise da amostra visou entender se, nesse caso há evidências que comprovem a teoria da Teoria do Capital Humano, ao avaliarmos a empregabilidade – entendida como a capacidade do indivíduo obter emprego ou trabalho – de indivíduos de diferentes realidades econômicas e sociais.

## **Objetivos**

Através da pesquisa realizada pretendeu-se analisar se o desenvolvimento acadêmico traz mudanças nas situações econômicas e sociais dos indivíduos menos favorecidos. Para isso foi importante comparar a inserção no mercado de trabalho desses indivíduos com o grupo dos mais privilegiados economicamente. Com isso pudemos observar se os resultados reforçam ou refutam os pressupostos da Teoria do Capital Humano acerca do valor econômico da educação.

## **Base Teórica**

No final dos anos 50 Theodore Schultz desenvolveu um estudo que postula que a educação teria um papel importante no desenvolvimento dos países. Formulou, assim, a teoria do Capital Humano. De acordo com essa teoria a educação é vista como um importante fator de desenvolvimento dos países, pois entende que o conhecimento obtido por seus cidadãos aumenta sua produtividade e, conseqüentemente, traz benefícios econômicos para esses países.

## **Metodologia**

Para trabalharmos com dados quantitativos elaboramos um questionário que foi entregue impresso para os formandos, abordando questões pertinentes para a pesquisa, como histórico acadêmico dos pais, renda familiar e própria, situação de empregabilidade (se está trabalhando ou não), onde trabalha e como obteve as informações sobre a oportunidade, entre outros. As questões sobre o emprego auxiliaram nos resultados sobre a empregabilidade.

O questionário foi distribuído para todos os formandos, no dia de apresentação das monografias de conclusão do curso de graduação do departamento. A pesquisa obteve 86,64% de respondentes que estavam apresentando a monografia.

Para efeitos de análise foram criados três grupos: os mais privilegiados, com renda superior a R\$ 16.000/família, os menos favorecidos, com renda familiar de até R\$ 5.000,00 e o grupo intermediário com indivíduos com renda entre R\$ 12.000,00 e R\$ 16.000,00.

Após as divisões, analisamos somente os grupos dos “extremos”, ou seja, o grupo dos mais privilegiados e dos menos favorecidos, para que, com os resultados, as comparações fossem feitas entre esses dois grupos. Posteriormente, as análises nos dariam base para abordar a empregabilidade dos alunos, se ela era elevada, em que empresas os alunos estavam sendo empregados e qual era a remuneração recebida.

### **Conclusões**

A partir dos dados obtidos, observamos que a empregabilidade dos formandos de administração é alta, em torno de 74,55% e que os dois grupos apresentam alguns resultados semelhantes como, por exemplo, a maioria dos indivíduos dos dois grupos trabalham em empresas grandes e tem uma renda entre R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00. Já a diferença está na própria empregabilidade que, para o grupo dos menos favorecidos está em torno de 90,00% e para os mais privilegiados é de 65,71%. Porém, devemos considerar que essa diferença pode ser atribuída ao fato de parte dos integrantes do segundo grupo optar por não trabalhar no período de término de curso, opção mais difícil para os integrantes do segundo grupo, que por serem, na maioria das vezes, responsáveis por parte importante da renda familiar, não podem optar por não trabalhar.

A pesquisa mostrou que mesmo trabalhando com grupos econômicos e sociais tão distintos os resultados não diferem muito. Mesmo com diferenciais considerados importantes para o mercado, como domínio de línguas (no grupo dos mais privilegiados 100% afirma ter domínio do inglês, já no grupo dos menos favorecidos 60% faz a mesma afirmação), os indivíduos mantêm rendas individuais muito próximas e cargos semelhantes. Além disso, as empresas que os empregam também se assemelham no tamanho, predominando as médias e grandes empresas.

Isso nos possibilita afirmar que a graduação age como um equalizador desses indivíduos, pois, pessoas com diferentes realidades financeiras e sociais estão chegando ao mercado de trabalho em condições semelhantes.

Devido a esses resultados, para o grupo estudado, pode-se dizer que a Teoria do Capital Humano encontra aderência, pois, o alto grau de instrução obtido permitiu aos indivíduos, independente de sua origem social, ocuparem cargos considerados de qualidade. Para os alunos menos favorecidos economicamente, esse fato significa, também, a possibilidade de mobilidade social, ou seja, mesmo oriundos de escolas públicas e de locais com pouca infraestrutura, eles obtêm a possibilidade de transpassar as barreiras sociais e transformar suas realidades.

### **Referências**

1 - SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano: Investimento em educação e pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.